

**A AUSÊNCIA
DO FATOR LINGUÍSTICO CONCORDÂNCIA VERBAL
NA FALA DE INDIVÍDUOS COM BAIXA
OU NULA ESCOLARIDADE**

Ana Claudia Rocha Amaral Figueiredo (UEMS)

anaamaralfigueiredo@hotmail.com

Natalina Sierra Assencio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

RESUMO

Este artigo nos mostra como o fator extralinguístico escolaridade influencia na fala de indivíduos com baixa ou nula escolaridade, mostrando a presença e/ou ausência do fator linguístico concordância verbal na fala dos mesmos. Baseando-se na sociolinguística, que estuda os aspectos linguísticos e sociais de uma língua, nos atentaremos a variação linguística, que são as transformações que a mesma sofre ao longo do tempo, por influências históricas, geográficas e sociais. Para isso foram entrevistados dois informantes que estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos – EJA, um que já é alfabetizado e outro que está sendo alfabetizado pela primeira vez. A pesquisa nos confirmou que fatores extralinguísticos influenciam diretamente nos fatores linguísticos de uma língua.

Palavras-chaves:

Sociolinguística. Sociolinguística variacionista. Concordância verbal. Escolaridade.

1. Introdução

Quando falamos trazemos para nossa forma de falar tudo o que somos e vivemos, toda nossa experiência de vida, a comunidade da qual fazemos parte, os grupos sociais que frequentamos. Sendo assim a língua não é homogênea e sim heterogênea. Temos várias formas de falar em uma mesma comunidade. E é toda essa variedade da língua que a sociolinguística analisa e sistematiza.

Para Tarallo (2007, p. 8) “variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Mesmo com todas as variantes linguísticas membros de uma comunidade conseguem se entender, por isso toda variante pode ser sistematizada e analisada.

Geralmente pessoas que tem pouca ou nula escolaridade são ridicularizadas em sua forma de falar, sendo sua fala estigmatizada pelo demais falantes de uma comunidade, principalmente por aqueles que utili-

zam a forma padrão da língua, ocorrendo assim o preconceito linguístico.

Este artigo nos mostra como a presença e a ausência da concordância verbal em falas de indivíduos com baixa ou nula escolaridade, influencia na fala desses indivíduos. Foram entrevistados dois informantes que estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos – EJA, um que já é alfabetizado e outro que está sendo alfabetizado pela primeira vez.

2. Fundamentação teórica

2.1. A sociolinguística

A sociolinguística surge em contraposição as abordagens estruturalista e gerativista no campo de estudo da linguagem. Na abordagem estruturalista de Saussure a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma por si mesma. As variações não são vistas na escrita, mas sim na fala, essa variação se dá em alguns elementos, sendo isso suficiente para que ela reflita em todo sistema, e o falante não tem consciência das mudanças que ocorrem entre os estados da língua. A abordagem gerativista utiliza apenas o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais, sem o componente social.

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais formas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 1968, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 13).

Depois de cerca de meio século de domínio das correntes estruturalistas que a área dos estudos das linguagens que ficou conhecida como sociolinguística. E como herança de Bakhtin se renova a perspectiva de que a língua é um fenômeno social. Mas foi William Labov que insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação da língua falada.

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2013, p. 09)

A língua é uma representação cultural de um povo, como está em pleno uso sofre influências de sua comunidade, por isso é dinâmica e heterogênea, a mesma vive em constantes transformações, ela é a expressão cultural de um povo e varia de uma época para outra, refletindo o que está acontecendo ao seu redor. Por isso a sociolinguística estuda os aspectos linguísticos e sociais de uma língua. A sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras.

2.2. A variação linguística

As transformações que uma língua sofre ao longo do tempo tem influências históricas, geográficas e sociais é que nomeamos de variação linguística. Essas mudanças acontecem devido aos vários fatores advindos da nossa sociedade, que também vive em constantes transformações. Essas variações são inerentes à linguagem humana e que revelam padrões de regularidade que não podem ser devidos ao acaso, sendo assim a homogeneidade de uma língua pode ser considerada disfuncional.

Assim Dorian (1994 *apud* MONTEIRO, 2000, p. 58) assinala que

cada vez mais se aceita a ideia de que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondem às diversidades de grupos sociais e à sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio.

Na variação linguística há fatores linguístico e não linguístico, os fatores linguísticos estão presente internamente na língua que são os fatores de natureza fonomorfo sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais e já os fatores não linguísticos estão presente externamente à língua são inerentes aos indivíduos (etnia e sexo), sociais (escolarização, níveis de renda, profissão e classe social) e contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva).

2.3. O fator linguístico: concordância verbal

A concordância verbal na língua portuguesa é realizada entre o sintagma sujeito e verbo. Devendo o sujeito concordar com o verbo em número e pessoa. Assim nos ensina a gramática normativa, que às vezes nos parece redundante.

Para a sociolinguística variacionista a ausência da concordância verbal é mais uma economia linguística do que um erro. Quando falamos nem sempre concordamos o sujeito com o verbo em número e pessoa, principalmente indivíduos com baixa ou nenhuma escolaridade.

De acordo com Rubio (2010) estudos já realizados comprovam que quanto menor for a escolaridade maior será a queda da frequência na aplicação da concordância verbal.

A concordância verbal apresentada neste artigo será a concordância da 1ª pessoa do plural (nós) com sujeito anteposto ao verbo.

2.4. O fator não linguístico: a escolaridade

Quanto mais o indivíduo frequentar a escola, mais contato ele terá com a forma de prestígio da língua e mais será cobrado para utilizá-la. A forma de falar, dos quem têm baixa ou nula escolaridade, é considerada como uma forma estigmatizada, sendo até considerada como inferior.

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. (VOTRE, 2013, p. 51)

A escola muitas vezes não aceita o jeito de falar desses indivíduos, que algumas vezes são alvos de piadas, considerando esse jeito diferente de falar como incorreto, ocorrendo assim o preconceito linguístico. Como já foi dito a língua é heterogênea, vive em constante transformações, apresentando assim suas variações. Uma mesma pessoa pode mudar a sua forma de falar, dependendo com quem está conversando, se for alguém com quem ele tenha mais intimidade, não haverá preocupação, então ele falará de uma forma mais informal, mas se for com seu chefe ou em uma apresentação ele terá mais cuidado na sua forma de falar.

Se uma mesma pessoa pode variar a sua forma de falar, imagine pessoas com outro nível de escolaridade e que tenham experiências diferentes.

3. Metodologia

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino, situada na periferia da cidade da Campo Grande – MS, com dois alunos da Educação de Jovens e Adultos, matriculados na fase inicial. Fase essa que corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental I. Frequentam essa fase pessoas que nunca foram alfabetizadas, que estão matriculadas pela primeira vez na escola.

A sala é composta por 11 (onze) alunos, sendo 04 (quatro) do sexo masculino e 08 (oito) do sexo feminino, com idades de 15 (quinze) a 60 (sessenta) anos.

Primeiramente foi realizada a observação, para que assim tivesse uma maior integração com os indivíduos a serem entrevistados. A pesquisadora foi apresentada pela professora regente de sala, criando assim um laço de confiança entre os mesmos.

O pesquisador da área de sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação. É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também se utilizará do método de observação no momento de adentrar a comunidade de falantes. Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica. (TARALLO, 2007, p. 20)

Somente em uma segunda visita à escola que foi solicitado aos alunos a entrevista e explicado o motivo da pesquisa. Foi dito aos mesmos que o interesse da pesquisa era sobre qual o motivo de seu retorno ou matrícula na escola.

Foram realizadas 04 (quatro) entrevistas, sendo 03 (três) informantes do sexo feminino e 01 (um) do sexo masculino, duas informantes foram descartadas, para que assim tenhamos um informante de cada sexo.

A informante do sexo feminino vamos chamá-la de Maria e o do sexo masculino de José, nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos. As perguntas respondidas pelos informantes foram: 1) Qual seu nome completo? 2) Quantos anos você tem? 3) Qual é o seu estado civil? 4) Qual é a sua profissão? 5) Onde você nasceu? 6) Quando você veio para Campo Grande? 7) Com quem você mora? 8) Porque você parou de estudar? 9) Por que decidiu retornar os seus estudos? 10) O que você está achando das aulas? E no desenrolar das entrevistas e de acordo com as respostas dos informantes novas perguntas surgiram, buscando criar situações naturais de comunicação linguística para que o informante narrasse sua história de vida.

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro, que o pesquisador-sociolinguístico procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos “estrutura narrativa”. (TARALLO, 2007, p. 23)

4. *Análise dos dados*

Abaixo segue dados dos informantes.

Dados Informantes		
	Idade	Sexo
Maria	60	Feminino
José	45	Masculino

José já tinha estudado até os 8 (oito) anos de idade, mas a escola que ele frequentou pegou fogo, sendo assim não tem como comprovar sua escolaridade. Escolaridade essa que o mesmo precisa para fazer um curso para ser taxista, sendo este seu objetivo na EJA.

Já Maria é a primeira vez que é matriculada em uma escola. Esta é a primeira vez que a mesma está sendo alfabetizada.

A tabela a seguir nos mostra a porcentagem das ocorrências de aplicação e não aplicação da concordância verbal da 1ª pessoa do plural.

Porcentagem de ocorrências analisando o percentual de aplicação e não aplicação de concordância verbal dos informantes.		
	José	Maria
Presença de concordância verbal	23%	0%
Ausência de concordância verbal	77%	100%
Total	100%	100%

A tabela acima confirma estudos já realizados de acordo com Rubio (2010), quando diz que quanto menor for a escolaridade do indivíduo, maior será a queda da frequência na aplicação da concordância verbal. Como José já frequentou uma escola, teve um maior contato com a norma de prestígio da língua, já Maria só agora está tendo este contato.

Outro aspecto, também, relevante é que José trabalhou viajando pelo Brasil, teve contato com muitas variantes da língua portuguesa, já Maria sempre trabalhou em casas de família.

Percebemos este caso na ausência total da concordância verbal nas falas realizadas pela informante Maria, que tem baixa ou nula escolaridade e já no informante José, que já teve um maior contato com a lín-

gua padrão, por já ter frequentado uma escola antes e também por sua experiência de vida teve a presença, mesmo que baixa, da concordância verbal em suas falas. Isso comprova que quanto menor a escolaridade maior será a ausência da concordância verbal na fala de um indivíduo.

5. Considerações finais

Como a língua portuguesa é viva e está em constantes transformações, um mesmo indivíduo tem várias formas de falar e esse indivíduo vive em uma comunidade, que é formada por pessoas diferentes, com experiências diversas e que convivem em vários grupos sociais. Esses são fatores extralinguísticos, que são externos a língua que podem ser: a formalidade e a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo.

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada.” Para sociolinguística essa “caos” aparente pode sim ser sistematizado, se não pudesse membros de uma mesma comunidade não conseguiriam se entender. TARALLO (2007, p. 6)

A pesquisa nos confirmou que fatores extralinguísticos influenciam diretamente nos fatores linguísticos de uma língua. Como vimos nessa pesquisa o fator linguístico concordância verbal sofreu variações devido ao fator extralinguístico escolaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, Roberto. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. Coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1988.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RUBIO, Cassio Florêncio. Regularidades no fenômeno da concordância verbal em variedades do português brasileiro: estudo sociolinguístico comparativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 39, n. 2, p. 602-616, 2010. Disponível em:

<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/147590/mod_folder/content/0/Textos%20da%20Bibliografia%20Complementar/Teoria%20Gramatical%20e%20Sintaxe%20do%20portugu%C3%AAs/RUBIO_RegularidadesConcordanciaVerbal.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 17-07-2014.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.